

Manoel de Oliveira

POEMA CINEMATOGRAFICO

Filmes, filmes,
Os melhores se assemelham
Aos grandes livros que
Pela sua riqueza e profundidade
Se tornam de penetração difícil.

O cinema não é fácil
Porque a vida é complicada
E a arte indefinível,
Indefinível será a vida
E complicada a arte.

A arte é como uma «indústria»,
A vida, a «matéria-prima»
E a «máquina» o homem
Cujas naturezas
Tanto produzem uma como outra.

A vida é banal,
Efêmera e fugaz,
Onde tudo mais ou menos se repete,
Para logo se escapar
A cada milionésimo de segundo.

Fica a memória
Da vida vivida,
Que se torna alimento
Da própria vida,
Possibilidade de toda a arte.

Eis única fórmula possível,
Que activa os factos vividos
E é ganhadora de historia e fições.

E assim. A expressão vital
— Substância de toda a arte —
Se transforma a cada instante
Em substracto artístico
No íntimo de cada ser.

E ali fica potencialmente retido,
Esse instante fugaz,
Que tanto pode servir,
Para receber como para dar.

Por tal,
Me atrevo á contradição
De que a vida não existe,
Mas tão-somente
O que resta do teatro dela — a arte,

Vida que agora não é vida
Instante logo perdido,
Ápice já acontecido.

Contudo,
Que sublime
Cada fracção de vida vivida
Que foge e se renova
Momento a momento!

Instante
Sem memória
Sem consciencia,
Sem tempo
— Instante apenas.

Molécula que te esgueiras
No córrego apressado
Em seu destino cego
E se precipita
No fundo desse abissal espiritu.

Mar recóndito e sem medida
Que és memória,
Coisa escondida,
De todos os tempos
E de tempo nenhum.

Más tu, memória!,
Excitas a vida e a imaginação
Que preservas
E seleccionas,
— Assim o cinema.

O cinema que
Audiovisualmente pode
E vai fixando da vida
O teatro que transforma
Literatura e pintura em acção, em espectáculo.

E sejam estes «material ou imaterial»,
Da vida nos fica a impressão
De que não existe o real,
Más tudo confusão,
O resto — ilusão.